



## RESENHA

**FISHER, MARC; KRANISH, MICHAEL.  
REVELANDO TRUMP: A HISTÓRIA DE AMBIÇÃO,  
EGO E PODER DO EMPRESÁRIO QUE VIROU  
PRESIDENTE. SÃO PAULO: ALAÚDE, 2017.  
422P.**

*Rafael Macedo da Rocha Santos<sup>1</sup>*

A relação entre o presidente dos EUA Donald Trump e a imprensa é historicamente conturbada mesmo antes de sua eleição em 2016. Defensor de posições nacionalistas e conservadoras, o atual mandatário choca-se corriqueiramente com a visão e a agenda “globalista” e “politicamente correta” dos meios de comunicação.

Essas diferenças ficam claras em “Revelando Trump: a história de ambição, ego e poder do empresário que virou presidente” (Alaúde, 2017). Escrita ao longo de 2016, antes da eleição presidencial de novembro nos EUA, e publicada em 2017, a obra jornalística parece-se uma biografia sem qualquer simpatia pelo biografado, feita por ocasião da situação.

O estilo jornalístico, calcado basicamente em acontecimentos factuais, é diferente do estilo acadêmico historiográfico que nutre simpatias pelo biografado. Nesse caso, trata-se de uma abordagem cuja proposta é “encurrular” o biografado com fatos duvidosos de sua vida como escândalos amorosos e comportamentos inadequados vindos de um presidente dos EUA.

O livro em questão basicamente se propõe à uma investigação de vários jornalistas do Washington Post, periódico opositor ao seu governo, em relação à vida pregressa de Trump.

---

<sup>1</sup> Doutorando em História Comparada (PPGHC - UFRJ). Contato: [rafaelmrsantos@yahoo.com.br](mailto:rafaelmrsantos@yahoo.com.br).

Na contra capa, a obra recebe elogios de concorrentes da imprensa norte-americana como New York Times e USA Today, mas que possuem igualmente repúdio à figura de Trump.

Trump, que nunca fora eleito para um cargo político eletivo na vida, chegou ao posto de presidente dos EUA de maneira surpreendente. Do ceticismo em relação à sua viabilidade política presente no livro, os autores Fisher e Kranisher acabaram, sem querer, por escrever uma das biografias mais curiosas e mais referenciais sobre o 45º presidente dos EUA.

Tanto o prefácio como posfácio à edição brasileira foram escritos após a eleição de novembro de 2016 contribuindo com elementos novos à análise, já que as pesquisas indicavam a vitória de Hillary Clinton. Fica claro que os autores imaginavam que se tratava de mais uma derrota republicana junto com outras como John Mc Cain (2008) e Mitt Romney (2012)

Nem mesmo Fisher e Kranish acreditavam na vitória de Trump e o tratavam como um azarão em suas análises. Sua indefinição política (trocou de partido sete vezes nos anos 1990 e 2000) e sua figura caricatural levavam o establishment a não crer em sua viabilidade.

Na introdução, apesar de admitir colaborar com parte das investigações, Trump, com seu jeito contraditório e imprevisível, deixa claro que processará judicialmente os autores, caso não concorde com o conteúdo do livro. O então candidato chega até mesmo a não recomendar a leitura da obra que ele mesmo ajudou a elaborar (mesmo que brevemente).

Sua figura polêmica, amado por alguns e odiados por outros, criou um simbolismo mítico em torno de suas ações. Seus apoiadores o alçam à categoria de líder iluminado, enquanto seus detratores o inserem como um retrocesso sem precedentes para o mundo.

De fato, a obra foca-se demasiadamente em seu mau comportamento e sua excentricidade supostamente como uma forma de denegrir sua imagem perante o eleitorado. Diversas alegações de misoginia, machismo e corrupção são corriqueiras nos fatos descritos no livro.

A análise inicia-se a partir de seus ancestrais na Escócia e na Alemanha, com ênfase de que o atual discurso anti-imigração de Trump é contraditório, pois sua mãe e seus avós paternos foram imigrantes que chegaram aos EUA em busca de condições melhores de vida.

A biografia continua passando sua infância no Queens (Nova York) até a análise dos seus negócios imobiliários que o enriqueceram. De acordo com os biógrafos, desde a mocidade, Trump era mal visto por seus professores e amigos e constantemente se amparava na proteção de seu pai, Fred Trump, um magnata do setor imobiliário de meados do século XX.

Por diversas vezes, Trump se tornara mimado por influência de seus pais milionários, que o mandaram para as Forças Armadas afim de corrigir suas atitudes temperamentais. Suas dificuldades de sociabilidade e interação com contradições era presente desde então com constantes grosserias em relação aos seus subordinados.

A obra também analisa o perfil de Trump durante sua passagem pelo Exército norte-americano a partir de 1959. Seu estilo centralizador e autoritário fora um dos aprendizados pessoais absorvidos nos seis anos de Forças Armadas, de acordo com os seus biógrafos. Suas atitudes, entretanto, já revelavam alguns dos trejeitos que o caracterizam sua personalidade.

Os autores portanto fazem um enfoque mais voltado à sua personalidade megalomaniaca, excêntrica do que às suas habilidades de oratória. As intimidações constantes e o lobby fazia contra seus opositores incluem até trotes de Donald Trump contra redações de jornais usando o pseudônimo de John Barron para plantar notícias falsas.

Por várias vezes, os autores põem em xeque a licitude de suas transações financeiras e inclusive o uso de mão-de-obra escrava em alguns de seus empreendimentos. Ambos também questionam episódios de racismo em relação ao aluguel de imóveis das Organizações Trump, que supostamente privilegiariam inquilinos brancos em relação à pretendentes negros.

A abordagem dos fatos é claramente provocativa em relação à sua pessoa, revelando egos, extravagâncias e agressividades de Donald Trump em relação à seus próprios subordinados. O estilo biográfico dos jornalistas revela um homem que faz qualquer coisa por poder e dinheiro, inclusive passando por cima de quaisquer valores morais e éticos.

Sua sede por glamour e beleza feminina já era antiga e o fizeram adquirir o concurso de Miss Universo nos anos 1990. Na mesma época iniciava-se uma série de escândalos amorosos como a traição pública à sua primeira esposa, Ivana Trump, com um caso extraconjugal com sua futura esposa, Marla Maples.

Seu estilo de auto promoção e viés megalomaniaco vem desde a infância, mas seus biógrafos alegam que o mesmo só se tornou um grande empresário amparado na fortuna de seu pai, Fred Trump. Seu êxito enquanto empresário está ancorado nas figuras não muito ilibadas como o advogado Roy Cohen, conhecido lobista e contraventor de Nova York.

Trump criou um estilo pessoal que se tornou-se sua marca própria e um atrativo para a imprensa, que ele mesmo soube redirecionar em proveito próprio. Sua extravagância ajudou decisivamente nos seus negócios pessoais e na construção de sua fortuna. Diferente de seu pai que investia em habitações em bairros pobres e médios, Trump sempre se concentrou em construções imobiliárias suntuosas e luxuosas com o máximo de publicidade possível.

Sua figura se tornara caricatural na opinião pública norte-americana, com diversos jornalistas duvidando da sua capacidade de ir mais longe em uma hipotética eleição. Desde sempre, Trump tinha planos de se catapultar na política com sua marca pessoal de homem de negócios exitosos e aparições em diversos filmes, seriados e shows de televisão.

Criava-se assim uma espécie de “showman” sem papas na língua que aproveitava-se da mídia para aparecer diante a opinião pública. Independentemente da repercussão (positiva

ou negativa) das aparições públicas, o objetivo de Trump era sempre se fazer presente independentemente de que fosse criando factoides ou com notícias sensacionalistas.

Seu auge publicitário fora durante a apresentação de “O Aprendiz” a partir de 2002, quando sua popularidade de celebridade nova-iorquina local se transformou em aparição nacional. De fato, os autores atribuem à imprensa norte-americana a construção de uma figura conhecida em todo país, com presença constante nas colunas sociais.

Em determinado momento, os autores chegam até a relacionar os seus negócios imobiliários com a máfia de Chicago. A obra também aponta que Trump fez se valer de amizades pessoais, patrocínio paterno, favores governamentais de conhecidos no “show business” de Nova York e negociatas suspeitas para obter a sua fortuna.

A obra cita a falência das Organizações Trump em fins dos anos 80 e início dos anos 90 como um momento em que a megalomania chegou ao seu limite. Trump, na época, possuía cassinos em Atlantic City, hotéis em Nova York e até mesmo uma companhia aérea (em que seu nome aparecia com letras garrafais na fuselagem das aeronaves).

Vários bancos credores tiveram que ceder em suas cobranças para evitar que Trump fosse à falência e o dinheiro não fosse revisto. O futuro presidente entretanto não mudou seu comportamento ostentador e continuou perante a opinião pública como um exemplo de gestor e empresário bem sucedido, apesar de seus negócios estarem em frangalhos.

Os jornalistas alegam que Trump se transformou em inspiração para os americanos médios por conta de sua prosperidade pessoal. Seu discurso dito “populista”, de fácil aceitação e compreensão pelo senso comum e baseado no discurso do “Make America Great Again”, agrada a setores sociais internos insatisfeitos com a globalização.

Os autores dos prefácio e posfácio, professores de relações internacionais no Brasil, atribuem à uma onda antiliberal nacionalista pós-crise de 2008 como responsável pela vitória de Trump. Insere-o portanto numa perspectiva global de ascensão de líderes direitistas em várias partes do mundo.

Tido pelos jornalistas do Washington Post como um “mestre das bravatas e das hipérboles” e capaz de fazer de tudo para “vencer a qualquer custo”, Trump desenvolveu uma capacidade de falar a “língua das massas”, sobretudo, aos desempregados de Estados industriais que sofrem com a concorrência chinesa como Ohio e Michigan.

“Revelando Trump: a história de ambição, ego e poder do empresário que virou presidente”, portanto, é uma obra feita por detratores, o que condiciona sua credibilidade. No entanto, é um trabalho pioneiro ao expor as permanentes e constantes hostilidades entre imprensa e o presidente Donald Trump.

